ENTREVISTA

SANDRA ALVES REIS DE QUEIROZ

Em um tempo atravessado por urgências ambientais, a educação se revela não apenas como espaço de transmissão de saberes, mas como território de sensibilidades, vínculos e reinvenções. Nesta entrevista, realizada com uma mestra em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia e servidora numa Rede Municipal de Educação, os caminhos da prática pedagógica se entrelaçam com a escuta, o cuidado e a construção de sentidos. Entre catástrofes e cotidianos, a educação ambiental aparece como gesto, presença e possibilidade de reencontro com a terra, com o outro e com as vidas.

Perguntas enviadas pelo editor do dossiê, Douglas Felipe Gonçalves de Almeida, da Universidade Federal de Uberlândia – MG.

1. Em um tempo marcado por catástrofes ambientais cada vez mais frequentes, como você compreende o papel da educação ambiental na construção de sensibilidades, não apenas informativas, mas éticas, diante da degradação que atravessa o nosso presente?

Acredito que, em tempos tão delicados como os que estamos vivendo, a educação ambiental precisa ir muito além de transmitir informações ou conceitos científicos. Ela se torna, sobretudo, um convite ao sentir. A educação ambiental contribui para a construção de sensibilidades éticas que nascem da consciência e do diálogo. Ao reconhecer-se como parte desse contexto, o sujeito passa a se posicionar, desenvolvendo uma postura crítica e comprometida com a transformação da realidade, com a justiça social e com o cuidado com a vida.

2. A História Ambiental tem nos mostrado que a natureza não é um dado fixo, mas uma construção histórica, social e simbólica. Como essa compreensão pode transformar as práticas pedagógicas na educação ambiental?

Penso que essa compreensão nos convida a olhar para a natureza com mais profundidade, reconhecendo, como aponta a História Ambiental, que ela carrega marcas das relações humanas, dos modos de viver e das escolhas feitas ao longo do tempo. Isso traz para a

educação ambiental um sentido mais humano, pois permite enxergar o ambiente não como algo distante, mas como parte da nossa própria história.

Na prática, isso transforma o ensino em um espaço de diálogo e sensibilidade, onde os estudantes podem se reconhecer no lugar em que vivem, refletir sobre suas experiências e perceber que também fazem parte dessas construções. Assim, a educação ambiental se torna mais viva e significativa, despertando não só a compreensão, mas também o cuidado e o compromisso com o mundo ao redor.

3. Diante de um mundo em que a ação humana se torna uma força geológica, muitas vezes violenta, como trabalhar, em sala de aula, a responsabilidade sem produzir paralisia ou sentimento de impotência nos estudantes?

O mais importante em sala de aula é não trabalhar a responsabilidade pelo medo ou pela culpa. No dia a dia da escola, isso pode acontecer em conversas simples, em situações concretas, mostrando que os problemas ambientais não são responsabilidade de uma pessoa só, mas de todos nós enquanto sociedade. Assim, os estudantes entendem o que está acontecendo sem se sentirem sobrecarregados.

Ao mesmo tempo, pequenas ações fazem muita diferença: cuidar do espaço da escola, observar o ambiente ao redor, participar de atividades coletivas. Quando eles percebem que podem agir, mesmo que de forma simples, nasce um sentimento de pertencimento e de cuidado. A responsabilidade, então, deixa de ser um peso e passa a ser algo possível, construído aos poucos, no cotidiano.

4. Em sua trajetória, quais experiências ou práticas pedagógicas revelaram maior potência na construção de vínculos entre sujeitos e territórios, especialmente em contextos de vulnerabilidade socioambiental?

Ao longo da minha trajetória, percebo que as práticas mais potentes são aquelas que partem do território vivido pelos estudantes. Caminhadas pelo entorno da escola, observação do bairro, escuta das histórias das famílias e da comunidade criam conexões reais. Quando o estudante reconhece o lugar onde vive como parte do processo educativo, o aprendizado ganha sentido e afeto.

Também têm muita força as atividades coletivas e simples do cotidiano: cuidar de um espaço comum, desenvolver pequenos projetos na escola, rodas de conversa sobre problemas locais. Nessas experiências, o vínculo nasce do pertencimento. O estudante deixa de ser apenas alguém que aprende sobre o mundo e passa a se perceber como parte

dele, alguém que observa, sente e pode, junto com os outros, cuidar e transformar o lugar onde vive.

5. A educação ambiental, muitas vezes, oscila entre a denúncia e a normatização. Como você enxerga a possibilidade de uma educação ambiental que também seja sensível, poética e formadora de sentidos de pertencimento?

Acredito que a educação ambiental, a partir de uma perspectiva crítica, precisa reconhecer a gravidade das questões que vivemos e a responsabilidade que recai sobre as ações humanas. Mas isso não significa ficar apenas na denúncia ou na imposição de normas. É possível construir um caminho que una reflexão e sensibilidade, criando espaços de diálogo em que os estudantes possam compreender essas questões de forma mais profunda e significativa.

No cotidiano da escola, isso se revela em práticas simples, mas intencionais: conversar sobre a realidade que os cerca, escutar suas experiências, problematizar juntos e valorizar o território em que vivem. Quando há diálogo e abertura, os estudantes não apenas entendem, mas se envolvem. A educação ambiental, então, se torna um processo de construção de sentido e pertencimento, onde a consciência crítica caminha junto com o cuidado e a possibilidade de transformação.

6. Considerando as múltiplas escalas da crise ambiental, do global ao cotidiano, como articular, no ensino, essas dimensões sem perder a concretude da experiência vivida pelos estudantes?

Articular essas dimensões passa, antes de tudo, por começar do que é próximo e vivido pelos estudantes. As questões globais fazem mais sentido quando conectadas ao cotidiano: o lixo da rua, a falta de árvores no bairro, a qualidade da água, o calor excessivo. A partir dessas experiências, é possível ampliar o olhar e mostrar que esses problemas fazem parte de algo maior, sem perder o vínculo com a realidade concreta.

Assim, o ensino vai do local ao global. Por meio do diálogo e da reflexão, os estudantes percebem que aquilo que vivem no dia a dia está ligado a processos mais amplos. Isso fortalece a compreensão sem distanciamento, mantendo o aprendizado enraizado na experiência, mas aberto para uma leitura mais crítica e abrangente do mundo.

7. Nos debates contemporâneos, tem se falado em novas epistemologias ecológicas e na superação da dicotomia entre humano e natureza. Como essa virada teórica aparece, ou pode aparecer, na prática educativa?

Essa virada aparece, na prática, quando a educação deixa de tratar o ser humano como separado da natureza e passa a reconhecê-lo como parte dela. Isso pode ser vivido em experiências simples: observar o ambiente ao redor, cuidar de espaços comuns, perceber como o nosso corpo, a alimentação, a água e o clima estão interligados. São momentos em que o estudante entende, na prática, que não existe uma divisão tão rígida entre "nós" e "natureza".

Ao mesmo tempo, essa perspectiva se fortalece no diálogo e na escuta: valorizar saberes locais, histórias da comunidade e diferentes formas de relação com o ambiente. Assim, a prática educativa se torna mais sensível e integrada, onde o cuidado com o ambiente ganha sentido como parte da própria vida e das relações que se constroem no dia a dia.

8. Se a legislação, a ciência e a educação são formas de produzir sentidos, como você percebe o lugar da escola na artesania de sentidos ambientais em um contexto de intensificação dos conflitos, de insensibilização e de dissolução das relações com/no/sendo natural?

Vejo a escola como um espaço de resistência e de criação de sentidos, mesmo diante de tantos desafios. Apesar da pressão do sistema, da carga horária intensa e das salas superlotadas, é urgente trazer essa temática de forma viva no cotidiano. Em meio à insensibilização e aos conflitos, a escola pode abrir brechas para experiências simples e significativas: o contato com a terra, o cuidado com um espaço comum, a escuta das histórias do lugar, o tempo de observar e sentir.

Mais do que transmitir conteúdos, a escola tece vínculos. E isso acontece no dia a dia, no diálogo, na convivência e nas experiências que despertam pertencimento e encantamento. Mesmo em condições difíceis, é possível sustentar uma educação que mobiliza, que afeta e que convida ao reencontro com a vida, com o outro e com a terra de forma sensível, crítica e profundamente necessária.